

MULHERES E A PANDEMIA: VIVÊNCIAS LÉSBICAS E BISSEXUAIS NO CONTEXTO FAMILIAR EM PERÍODO DE ISOLAMENTO SOCIAL

HELENA BRAGA DOS SANTOS¹; GABRIELI DAMASCENO MACEDO²;
GIOVANA FAGUNDES LUCZINSKI³; CAMILA PEIXOTO FARIAS⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – helenabsnt@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gabrielidamasceno.m@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – giovana.luczinski@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – pfcamila@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Desde o dia 11 de março de 2020, quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou pandemia mundial de COVID-19, as orientações de saúde mudaram drasticamente ao redor de todo o mundo. Em consequência disso, a vida de todas as pessoas, em especial a de populações que já eram vulnerabilizadas, passou por mudanças radicais, que resultaram em novas problemáticas. Pensando nessas mudanças, nasceu o projeto de extensão “Elas por Elas: as mulheres e a pandemia”, vinculado ao projeto de pesquisa “Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres”. Essa ação surge de uma parceria entre o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise (Pulsional) coordenado pela Profa. Dra. Camila Peixoto Farias (UFPEL) e o Laboratório de Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Existencial (Epochè) coordenado pela Profa. Dra. Giovana F. Luczinski (UFPEL). A equipe de extensionistas é formada pelas alunas do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas: Gabrieli Macedo, Helena Santos, Maira Coelho, Roberta Luz e Sthefany Lacerda.

As ações do projeto visam escutar uma população que historicamente é silenciada: as mulheres. Busca-se através deste, alcançar narrativas de diversas perspectivas, fornecendo espaço de compartilhamento às múltiplas vivências durante o período de pandemia. Além disso, o projeto tem como propósito servir de ponte, aproximando a comunidade e a universidade. As ações são realizadas de forma online, a partir de *posts* que podem ser buscados pelas extensionistas através de relatos da comunidade ou textos elaborados em conjunto pela equipe.

Ao longo deste trabalho iremos nos debruçar sobre as vivências LGBTQIA+ no contexto de pandemia, um tema que foi abordado algumas vezes ao longo do referido projeto. Discutiremos a LGBTFobia no ambiente familiar, focalizando as mulheres lésbicas e bissexuais, considerando as especificidades destas vivências durante a pandemia, a partir de um olhar crítico sobre as relações familiares. Optamos por delimitar nosso campo de estudo visando aprofundar a discussão, partindo do recorte de gênero com intersecção de sexualidade, a fim de evitar uma visão reducionista sobre as comunidades que compõem a sigla LGBTQIA+.

2. METODOLOGIA

O Projeto de Extensão foi construído de forma interdisciplinar e colaborativa a partir de um diálogo entre as perspectivas da Psicanálise e da Fenomenologia, pensando as questões de gênero no contexto da pandemia. Essas abordagens psicológicas se articularam à literatura sobre gênero, retomando importantes

pensadoras feministas, como Haraway (1995). Esta defende a importância de que ações e pesquisas se ancorem em epistemologias situadas, pois todo saber é situado e corporificado, enraizado em dado contexto sócio-histórico.

Nesse sentido, o dia-a-dia do projeto de extensão fomentou discussões sobre o tema, as quais aconteceram em equipe e através da bibliografia consultada; esta se constituiu um apoio necessário para a compreensão de fenômenos complexos como a diversidade de gênero e as diferentes orientações sexuais. Embora, fundamentalmente, o trabalho realizado pelo projeto seja de extensão, durante as ações realizadas mostrou-se a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

O projeto realiza suas ações de forma virtual, através de uma página em uma rede social e um *blog*, ambos geridos e construídos coletivamente pelos membros da equipe. Estas duas ações idealizam a circulação e o registro dos relatos, imagens e textos recebidos ou elaborados de forma coletiva pela equipe.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o período de quarentena, ocasionado pela pandemia de COVID-19, o isolamento social acabou tornando-se uma das medidas mais eficazes contra a disseminação do vírus. Em decorrência disso, novos conflitos surgiram e a realidade violenta vivenciada por muitas pessoas no ambiente familiar foi evidenciada. Permeia no imaginário de nossa sociedade uma narrativa de que a família é um porto seguro, que o lar é um ambiente em que as pessoas podem se expressar, sentirem-se amadas e acolhidas. Entretanto, a literatura em psicologia aponta que esta visão é demasiadamente precária. A violência intrafamiliar é uma realidade que atinge, em grande maioria, as mulheres, entre elas lésbicas e bissexuais, isso pode ser comprovado pelo aumento alarmante de denúncias no ligue-180. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020, p.4) as denúncias de violência contra a mulher no país aumentaram cerca de 27% entre 2019 e 2020, tendo crescimento de 37,6% só em abril, quando o país já se encontrava em situação de isolamento social.

No caso das vivências de mulheres lésbicas e bissexuais, é preciso levar em consideração a díade - misoginia e LGBTfobia. É impossível pensar nas violências sofridas por essas mulheres dentro do ambiente familiar sem pensar na estrutura patriarcal em que a nossa sociedade se constitui. As mulheres são ensinadas a temer e respeitar os homens, nesse sentido a lesbianidade e a bissexualidade, que retiram os homens do lugar de objeto de desejo central nas relações afetivas, contrapõe essa lógica social. Dessa forma, o ambiente familiar pode acabar se tornando grave violador de direitos, a partir do momento que se firma como sustentador de uma hierarquia de poder, reguladora de corpos que foram socialmente marcados por ocuparem uma posição de alteridade (LOURO, 2000).

A violência pode ter diversas faces, pode se dar de forma velada através de piadas e comentários que desrespeitam a sexualidade da mulher, ou de forma explícita chegando a atos de violência física. A violência psicológica, uma das formas mais comuns e mais danosas de violência - e também uma das formas de violência mais invisibilizada na nossa sociedade - pode ser caracterizada como uma sequência de episódios que visam causar danos a auto-estima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa, como: insultos, humilhações, desvalorizações, negligências e ameaças. É relevante lembrar que a violência psicológica, em muitos casos, eclode em violência física (BRASIL, 2002).

É importante ressaltar que a lesbianidade e a bissexualidade, principalmente a feminina, tem suas pautas constantemente silenciadas, mesmo dentro da comunidade LGBTQIA+, demonstrando que a misoginia permeia inclusive estes espaços e faz com que mulheres que vivenciam a homossexualidade sofram incessantemente o apagamento de suas narrativas (LEMOS, 2015). Diante disto, fez-se necessário o recorte dessas sexualidades para este estudo, para que seja possível aprofundar a discussão da LGBTFobia atravessada pelas questões de gênero.

Torna-se inviável discutir a questão da violência intrafamiliar sofrida pelas mulheres lésbicas e bissexuais sem pensar na exclusão do mercado de trabalho a que estão sujeitas, principalmente pelos estigmas sofridos pelas que não reproduzem feminilidade. No caso das mulheres lésbicas e bissexuais negras e/ou periféricas a situação acaba sofrendo um agravamento ainda maior. Segundo PERES et al. (2018), os índices apontados pelo Dossiê do Lesbocídio no Brasil, revelaram que 57% das mulheres lésbicas assassinadas em 2017 eram negras. Além disso, essas populações encontram maiores dificuldades de acesso à educação e mercado de trabalho, dificuldade esta que acaba gerando uma dependência financeira de familiares e/ou cuidadores, dificultando a autonomia e independência.

Pesquisa realizada pelo coletivo #VoteLGBT com colaboração da Box1824, com o objetivo de identificar os desafios enfrentados pelas comunidades LGBT durante a pandemia de COVID-19, identificou que os maiores impactos sofridos vem sendo a piora da saúde mental, o afastamento da rede de apoio e a falta de fonte de renda. Ao fazer um recorte para identificar os grupos mais vulneráveis emocionalmente, descobriu-se que por mais que 42,7% dos entrevistados tenham identificado piora na saúde mental como principal fator de sofrimento, esse número foi maior dentro das identidades femininas e não binárias (46%) e também entre lésbicas e bissexuais (45%). Um fator muito preocupante identificado na pesquisa foi que, a cada dois LGBTs de idades entre 15 e 24 anos, um identificou a piora na saúde mental como principal problema do isolamento; foi levantada a hipótese de que isso pode se dar em decorrência da dependência financeira, que obriga os jovens a se manter em isolamento junto à família. Hipótese que é fortalecida pelo fato de que o segundo maior impacto identificado foi o afastamento da rede de apoio, mostrando que a família não é vista como meio de amparo e suporte, possivelmente por não se mostrar receptiva e/ou compreensiva perante sua sexualidade, tornando o ambiente familiar desconfortável e até mesmo violento.

Conforme demonstra o Dossiê do Lesbocídio no Brasil, as violências sofridas pelas mulheres lésbicas e bissexuais em suas casas muitas vezes acabam em assassinato. Apurou-se que no ano de 2017, 29% dos casos aconteceram na residência da vítima. Além disso, constatou-se que 35% dos assassinos tinham algum vínculo familiar ou afetivo com a vítima. Reforçando o que foi exposto ao longo deste trabalho, a pesquisa demonstrou ainda que 83% de assassinatos de lésbicas em 2017 no Brasil foram cometidos por homens (PERES et al., 2018).

4. CONCLUSÕES

É de suma importância que se criem espaços onde se possa divulgar materiais que visibilizem as diversas realidades e construções familiares, para além da visão romantizada heteronormativa hegemônica, bem como promover a discussão de temas que permeiam esses espaços, como a violência contra as mulheres, especialmente as lésbicas e bissexuais. Neste sentido as redes sociais se mostram como importante ferramenta quando usadas para dar visibilidade a essas discussões.

O projeto “Elas por Elas: mulheres e a pandemia”, busca promover tais discussões, fornecendo espaço para que estas populações possam compartilhar suas vivências, através dos meios de comunicação. Além disso, os posts construídos pela equipe buscam abarcar a diversidade dos modos de ser mulher, buscando evidenciar e não excluir as diferentes formas de estar no mundo e se relacionar sexual e afetivamente.

Devido a uma abordagem franca e em linguagem acessível, além do possível anonimato proposto pela página, essa ação cria um espaço seguro e de fácil acesso, onde podemos promover essas importantes discussões a fim de construir pontes entre a universidade e a comunidade; pontes estas de mão dupla, que conectam as vivências da comunidade com os conhecimentos que a psicologia produz.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PERES, M. C. C., SOARES, S. F., & DIAS, M. C.. **Dossiê sobre lesbocídio no Brasil:** de 2014 até 2017. Livros Ilimitados, Rio de Janeiro, 2018.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência Doméstica Durante a Pandemia de COVID-19.** ed. 2. Brasil, mai. 2020.

LOURO, G. L., Pedagogias da Sexualidade. In:____. **O Corpo Educado:** Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Cap.1, p.7-34.

LE MOS, A. C. S. et al.. **Trajetória do movimento de lésbicas brasileiro:** diálogos de saberes, entraves e construção política. Anais XI CONAGES... Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <<http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/10876>>. Acesso em: 24 set. 2020.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Violência Intrafamiliar:** Orientações para a prática em serviço. Brasília: MS, 2002.

#VoteLGBT. **Diagnóstico LGBT+ na Pandemia:** Desafios da comunidade LGBT+ no contexto de isolamento social em enfrentamento à pandemia de Coronavírus. Disponível em: <<https://www.votelgbt.org/pesquisas>>. Acesso em: 25 set. 2020.